

O Novo Mundo do Sindicalismo?

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” Unesp - C. Franca

Alcides Pontes Remijo¹

Nelson Thiago dos Santos²

José Walter Canoas³

Introdução:

Buscaremos neste trabalho dissertar a importância para o enfrentamento entre capital e trabalho, cujo em nossa análise a importância dos sindicatos na atual conjuntura do capitalismo mundial. As pesquisas dos sindicatos se tornam de grande vulto para a interpretação da configuração do embate entre a luta de classes no atual estágio do capitalismo globalizado, dos grandes conglomerados. Antes de tudo a pesquisa não terá um caráter neutro, portanto, contribuindo com uma atuação em prol à emancipação humana⁴. O embate entre capital e trabalho ocorre ao longo da história ora mais velado ora menos explícito vai dar sempre novos arranjos ao Estado, cujo sua essência, é a intervenção na sociedade civil, para manter uma “harmonia” com políticas sociais e simultaneamente (ou exclusivo) o uso da força física.

A atuação do Estado se faz em configurações diversas ora ampliando, ora reduzindo, democrático ou autoritário. Entretanto a tendência no movimento operário clássico foi, de um lado, uma tendência de ruptura, ou em outras palavras a transformação social, tal configuração foi expressiva (não quer dizer hegemônica) durante até o último quartel do século XIX, a partir do início do século XX, ganhou força uma tendência social-democrata, cujo acreditava inocentemente em reformar o capitalismo, e instaurar o socialismo “aos pouquinhos”. Tal social-democracia, que em nossa interpretação, foi predominante até os anos oitenta do século XX, onde o ideário neoliberal ganhou hegemonia em toda sociedade, e instaurou um verdadeiro “salve-se

¹ Aluno da Graduação de Serviço Social da Unesp - C. Franca contatos: alcidesremijio@yahoo.com.br contatos: AV: Ademar Pólo Filho N° 2050 Jardim Lima Franca.

² Aluno de Graduação em Serviço Social da Unifeb – Barretos contatos: nelsoncat82@hotmail.com

³ Professor Doutor titular da Graduação de Serviço Social da Unesp - C. Franca contatos: jwcanoas@uol.com.br

⁴ Entendendo como emancipação humana, a reapropriação das forças essenciais humanas, forças que sob a lógica do capital se encontra alienadas e estranhadas do homem, não somente ao trabalhador, mas mesmo o capitalista não as tem, em especial destas forças digo a reapropriação da lógica do trabalho. Onde o homem pode ser o centro da reprodução, e não a lógica do capital e sua insaciável sanha por sua expansão, mesmo que para isso deforme toda a humanidade. E as forças produtivas sejam novamente produtivas e não destrutivas do homem e da natureza (vide as guerras e destruição ambiental).

quem puder”. Partindo de um ponto de interpretação marxiana acreditamos que a história é a única ciência da humanidade, e como tudo demonstra ao longo do tempo as insuficiências de algumas teorias, sobretudo a social democracia, com o fim do Estado-de-Bem-Estar-Social, bem como as “modernas” concepções do Estado de neoliberal. Neste trabalho buscaremos apontar alguns problemas que perturbam a classe trabalhadora e mostram os limites que é imposto toda classe trabalhadora, e como foi se constituindo a nova conjuntura dos sindicatos no Brasil. Entretanto para uma análise não muito superficial é preciso demonstrar que o objeto da pesquisa foi reconhecido e apreendemos por sua própria lógica, o que de fato o objeto é no cotidiano do ser humano.

O Ser Precisamente Assim dos Sindicatos.

O mundo do trabalho ao longo de sua configuração perante este momento histórico em especial a sociedade capitalista, tem como uma das figuras mais importantes os sindicatos, e aqui referenciamos aos que representam à classe trabalhadora. Tal instituição que durante anos foi perseguida e permaneceu muito tempo na ilegalidade, até ter o reconhecimento definitivo do Estado Burguês. O sindicato ao longo a da história da sociedade burguesa, está força social (pois pode aglutinar diferentes profissionais de um ramo produtivo). Como já salientado os sindicatos vão surgir no limite histórico e por ser formado por pessoas sofre com um momento específico.

Como é mister sempre se pautar por uma fonte de análise ontológica pautaremos nossas primeiras observações fundamentadas sob o pensamento marxiano. Entre os escritos de Marx mais contundente sobre os sindicatos foi proferida como discurso na Internacional, e logo publicado por Engels como Salário, preço e lucro. Para o autor de “O Capital” que pelos sindicatos tinham uma importante missão no e enfrentamento efetivo ao capital, impondo sérios limites a sanha incontrolável por mais-valia. Ainda que as greves não surtiram de imediato os resultados dela esperado, aumento de salário ou a redução da jornada de trabalho etc., mesmo assim estrategicamente sempre fora importante recorrer a uma luta econômica devido ao fato do ensinamento que a greve fornecia a classe trabalhadora. Ensinamento útil para a formação de uma consciência de classe para si. Outra positividade do combate promovido pelos sindicatos era, e ainda é⁵ a possibilidade de meio as lutas desencadear

⁵ É claro que nos referimos aos sindicatos classistas de cunho à favor da classe trabalhadora, mesmo que no seu horizonte não tenha a transformação social.

e unir a classe trabalhadora em um processo de maior envergadura, em outras palavras, a emancipação humana (ALVES 2007).

Os sindicatos ao longo destes mais de cento e cinquenta anos de luta entre as personificações do capital e as personificações da lógica do trabalho, sempre impôs limites a sanha da acumulação que por sua vez sabemos que quanto mais o capital acumula mais ele pode aumentar as forças produtiva (e destrutivas), devido ao incremento tecnológico que tanto jorra milhões de trabalhadores na superpopulação relativa. Deste segundo ponto é que pode-se configurar a negatividade dos sindicatos, por se portar no enfrentamento direto ao capital, os sindicatos fixam apenas na luta defensiva, melhoria de vida de uma parte da classe operaria. Assim os limites por essa atuação defensiva vai ser alvo de vários críticos ao sindicalismo em-si, um desses críticos foi Antonio Gramsci em que demonstra os limites do sindicalismo. Onde sua maior enfoque era expor como os sindicatos estavam hierarquicamente organizados, comandada por uma “iluminada vanguarda”.

O sindicato na pode ser instrumento de renovação radical da sociedade: pode oferecer ao proletariado burocratas experimentados, técnicos especialistas em questões industriais de índole geral, não pode ser a base do poder proletário. Não oferece nenhuma possibilidade de escolha das individualidades proletárias capazes e dignas de dirigir a sociedade: por ele não podem exprimir-se as hierarquias em que se encarna o império vital, o ritmo de progresso da sociedade comunista (GRAMSCI apud ALVES 2007 p. 250).

O que queremos demonstrar ao leitor a contradição que é uma instituição legítima e que deveria representar a classe trabalhadora e seu enfrentamento com a usurpação do capital. Ressaltando que o sindicato deveria assumir um novo lema fazemos as palavras de Marx durante o épico discurso na internacional (salário preço e lucro) as nossas palavras. Os sindicatos devem lutar para a emancipação do trabalho assalariado, não somente por salários melhores (ou a diminuição da carga horária), O lema estampado nas bandeiras sindicais: “um salário justo por uma formada justa [para] abolição do sistema de trabalho assalariado” (MARX 2006 p. 146).

A Formação dos Sindicatos no Brasil: da Gênese à Chegada ao Novo Sindicalismo.

A proposta desta parte do nosso trabalho é expor sumariamente a gênese dos sindicatos passando pelos novos sindicalismos do período de distensão da ditadura militar e por fim o período que hora vivemos tempos obscuros da era neoliberal. O sindicalismo pode se assemelhar a uma idéia de união dos trabalhadores a usurpação do

capital como já exposto, segundo o decurso da história desde a república velha onde, em São Paulo já ocorria movimentação e uma organização da classe trabalhadora, sobretudo, dentro anarco-sindicalismo. Onde a maior expressão foi movimento foi greve geral de 1917, bruta e reprimida pela oligarquia cafeeira. Aliás já era preocupação dessa oligarquia a substituição da questão social como caso de política, mas como na concepção gramsciana como consenso (políticas sociais) e repressão (nem precisa exemplificar).

Os rebentos da década de trinta do século de XX nos trouxe o governo varguista, que nada mais representava a substituição de um modelo uma colonial agro-exportador pelo urbano industrial (de capitalismo de industrialização hiper tardia). Como um governo bonapartista de Vargas buscou diferentes setores sociais para sua sustentação em dissidências do setor agro-exportador e da aristocracia não exportadora e a burguesia emergente além dos tenentes entre outras frações das classes dominantes. Entretanto para seu ambicioso projeto necessitava o apoio da classe trabalhadora. O governo varguista “demonstrou enorme competência ao captar algumas das principais reivindicações dos trabalhadores dos trabalhadores urbanos, elaborá-las e devolvê-las sob a dádiva do Estado” (ANTUNES 2007 p. 289).

Sob este propósito surge a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) em 1943 em contra partida o bonapartismo varguista uma lei de sindicalização, em que aprovou a legalidade dos sindicatos. Para isso os sindicatos foram atrelados ao ministério de Ministério do Trabalho. Os sindicatos “oficiais” tinha uma função assistencialista, com centros de saúde, serviços, lazer etc., mesmo com a política de concessão ao movimento da classe trabalhadora entretanto “isso não impediu que as lutas operárias sociais e sindicais se desenvolvessem amplamente durante os anos 1930-64 (ANTUNES 20007 p. 290).

Com a crise do populismo varguista, e seus representantes, e com o fim do projeto de industrialização nacionalista, surge uma autocracia burguesa. Onde o capital transnacional monopolista por isso intensifica-se a “produção de bens duráveis (automóveis, eletro-eletrônicos e correlatos), para seu consumo é estruturado, internamente, um mercado privilegiado e reduzido. É o pacto com os segmentos altos das camadas médias” (CHASIN 1979 p.111). Para atrair o capital internacional foi promovido um arrocho salarial para esta plataforma econômica foi fundamental o controle sobre o sindicatos foi imprescindível para a os planos da burguesias. Onde os sindicatos, onde aqueles que tinham em sua lideranças ligadas ao PCB, e outras

inspirações anti-capitalistas foram caçadas violentamente como toda lideranças do PCB. O resultado foi o uma super-exploração da força de trabalho, com baixos salários, jornadas prolongadas, quando simultaneamente intenso.

A partir de 1978 o movimento operário e sindical, vai despertar novas lutas e novo sindicalismo. O motivo deste surgimento das greves foi principalmente o arrocho salarial onde o trabalhador via suas condições de vida decair cotidianamente. O arrocho chega a níveis insuportáveis, pois a ruir a plataforma economia. As greves do período 78/79 do século XX implodiu a ditadura militar onde seu principal pelar era a política econômica industrializante, que ficou afamado pelo milagre econômico, mais uma vez fica demonstrado que a demonstrado que a humanidade faz a história mas não sabem que fazem. Com uma grave crise financeira e (sua expressão uma hiper-inflação), a ditadura sai de cena e deixa todo o problema para a futura democracia. Como rebento deste movimento, surge a CUT, o MST e o PT onde ao longo da década de 80 aumentou demasiadamente os sindicatos, onde o setores de serviços (bancários, professores etc.). E uma constituição de 1988 com inspiração em um Estado-de-Bem-Estar-Social.

Os Sindicatos em Época do Neoliberal.

O capitalismo a partir do século XX com o advento da segunda revolução industrial e o incremento da nova gestão da força de trabalho, o fordismo. Graças a esta conjuntura de grande produtividade, possibilitou um campo majoritário de movimentos operário, social democrata, a implantação do Estado-de-Bem-Estar-Social. Os chamados trinta gloriosos, cujo suas características principais foram políticas sociais universais, “pleno emprego”, intervenção do Estado na economia (sobre tudo, com empresas de serviços e a atuação em indústria de base: petroleiras, mineradoras, siderúrgicas etc., etc.). É importante ressaltar que este tipo de regulamentação e controle do capital foi em países desenvolvidos industrializados, *não chegando ser implementado* em países não desenvolvidos, fornecedores de matérias primas e produtos agrários, e em “desenvolvimento”, de industrialização hiper-tardia. Esta tentativa de regulação, da lógica capital, só poderia permanecer com grande tributação e lucros extraordinários, ou seja, apropriação acima do normal da extração da mais-valia relativa. A crise do capital, que colocou em xeque o modo organizacional da gestão da força de trabalho no binômio taylorismo/fordismo, sob regulamentação do Estado Keynesiano, com o controle dos sindicatos na participação dos partidos trabalhistas. As causas da crise do final da década de 1960 e início de 1970 foram: retração do consumo

e incapacidade de continuar em manter o pleno emprego; queda da taxa geral dos lucros e continua pressão da classe trabalhadora por melhoria dos seus salários e condições de trabalho, além do choque gerado pela terceira revolução industrial que modificou todo modelo de produção bem como o perfil do operário exigido. Antunes acentua mais algumas tendências para a crise estrutural do capital:

[...] a maior concentração de capitais graças às fusões entre as empresas monopolistas e oligopolistas; [...] a crise do *welfare state* ou do “Estado do bem-estar social” e dos seus mecanismos de funcionamento, acarretando a crise fiscal do Estado capitalista e a necessidade de retração dos gastos públicos e sua transferência para o capital privado; [...] incremento acentuado das privatizações, tendência generalizada às desregulamentações e à flexibilidade do processo produtivo, dos mercados e da força de trabalho entre tantos outros elementos contingentes que exprimiam esse novo quadro crítico (ANTUNES 1999 p.33-34).

Como vimos o incremento desta nova tecnologia e nova gestão da força de trabalho o capitalismo expulsou inúmeros trabalhadores favorecendo um aumento do desemprego estrutural. Pela breve exposição pontuaremos algumas tendências, a desproletização do trabalho manual, fabril, industrial. O exemplo mais nítido desta tendência é o caso da França, em 1962 tínhamos 7.488.000 operário empregados, nos anos de 1975 esse número chegou a 8.118.000, entretanto em 1989 estes números caíram para 7.121.000. Enquanto em 1962 ele representava 39% da população ativa, em 1989 esse índice baixou para 26,6%. Entretanto poderíamos afirmar que a classe trabalhadora estaria com os dias contados (Gorz) ou que o a centralidade do trabalho no capitalismo está sendo substituída pela tecnologia como acredita Habermas, entre tantos outros que tiveram a infelicidade de acreditar no final do trabalho. O capitalismo na atualidade consegue fazer o “milagre” de aumentar a produção sem aumentar os números de trabalhadores, mas é importante ressaltar que quando houver capitalismo teremos trabalhadores assalariados, portanto temos uma insuficiência na teoria destes autores⁶, em nossa concepção houve, e muito, um aumento do trabalho social combinado, ou seja, a interligação do trabalho material, aquele que se corporifica em uma mercadoria (palpável) e o trabalho imaterial, o exemplo nítido é as propagandas que é um produto que, como sabemos é incorporado ao valor da mercadoria, além da relação entre trabalho produtivo, aquele que gera mais-valia, com o trabalho improdutivo.

⁶ Não delongaremos neste assunto por já ser demasiadamente analisado por muitos autores como Chasin, Antunes, Alves, Teixeira, isso para falar de pensadores brasileiros, mas uma precisa análise pode ser observa no trabalho de István Meszáros

O que acontece que a miséria do salário, cujo era hegemonicamente um privilégio dos trabalhadores industriais se dispersou para todos os trabalhadores que “*vive-da-venda-sua-força-de-trabalho*”, aumentando um percentual de trabalhadores que se prostituem por cada vez em condições piores, pois dois terços da força de trabalho mundial esta nos países pobres, sub-contratada, em tempo parcial, terceirizada, com contratos informais e fazendo parte do desemprego estrutural. Além de promover uma reorganização do espaço industrial (posteriormente em todos os espaços produtivos⁷), ou seja, a busca por cidades ainda não industriais onde não há tanta oferta de empregos ou *sindicatos combativos*. Todos estes novos arranjos têm uma repercussão dentro da subjetividade da classe trabalhadora e na sua organização frente à usurpação do capital. Essa nova organização Toyotista tem algumas características que devem ser observadas:

- 1) é uma produção muito *vinculada à* demanda, visando atender as exigências mais *individualizadas* do mercado consumidor, diferenciando-se da produção em serie e de massa do taylorismo/fordismo. Por isso sua produção é variada e bastante heterogênea, ao contraio da homogeneidade fordista;
- 2) fundamenta-se no trabalho operário em equipe, com multivariada de funções, rompendo com o caráter parcelar típico do fordismo; [...]
- 4) tem como principio o *just in time*, o melhor aproveitamento possível do tempo de produção;
- 5) funciona segundo o sistema de kanban, placas ou senhas de comando para reposição de peças e de estoque. No toyotismo, os estoques são mínimos quando comparados ao fordismo; (ANTUNES 1999 54 55).

Os sindicatos combativos, e partidos políticos, que atuava de modo anti-capitalista, teve um forte golpe com o fim do muro de Berlim, em que o “modelo alternativo” ao capitalismo, entrou em colapso, e o fim do “socialismo real”, a vitória do capitalismo como única fonte de reprodução societal possível. Entretanto os modelos de sindicatos que se baseava em uma experiência mesmo combativa de cunho social democrata não respondem mais os imperativos do capitalismo mundial, pois por mais embates promovam ainda ficam presos ao circulo de ferro do capital que tem como característica o Estado, propriedade privada e trabalho estranhado (MESZÁROS 2002). As reivindicações por mais que justas possam ser, ficam apenas no plano do economicismo, ou seja, no plano de pedidos de atrelar os pedidos econômicos uma fé que a economia por si só pode superar seus limites. Ou do politicismo o embate no plano governamental, com leis e políticas públicas, podem corresponder superar os

⁷ Consideramos espaços produtivos aqueles que a uma lógica onde o capital aplica e gera mais-valia, como supermercados, transportadoras, bancos etc. etc.

imperativos da própria propriedade privada. Por pautar nestas características todo universo sindical mostrou-se como acima citado preço apenas ao plano de reivindicações, portanto longe de se colocar no plano da emancipação humana. Entretanto deve-se pontuar que são importantes que as conquistas ao longo do século XX frutos deste enfrentamento. É claro que não desejamos que voltemos há trabalhar doze, quatorze, ou até dezesseis horas por dia, mas não pode-se limitar a este plano na luta de classe.

A Era Neoliberal no Brasil.

A reestruturação produtiva chega a momento delicado da história brasileira na contra mão de um forte movimento operário que possibilitou a derrubada de uma autocracia burguesa que sua base econômica era o “milagre econômico”, onde o movimento social estava em ebulição possibilitando uma constituição baseado em um Estado ampliado, como podemos constatar na constituição de 1988. Porém a partir da era do presidente Fernando Collor promoveu uma abertura financeira e preparação de um projeto neoliberal. A abertura econômica forçou o empresariado brasileiro se apoderar da tecnologia mais avançada de produção bem como de gestão de força de trabalho.

No começo da década de 1990 de um lado temos um Estado que deveria ser de “bem estar social”, segundo a constituinte de 1988, de outras novas formas de organização da força de trabalho que usurpa de forma mais intensa a classe trabalhadora, cujo busca uma desregulamentação das relações de trabalho. O Ocidente absorveu o Toyotismo de forma casada com um neoliberalismo, portanto castrando toda e qualquer fonte de seguridade social que é claro sempre favoreceu as classes subalternas. No Brasil o neoliberalismo vem sendo implementado de modo parcelar com as “contra-reformas”, as mais conhecidas é a da previdência, da educação (progressão continuada), da saúde (a ampliação dos convênios particulares), entre a mais significativa a reforma sindical (para o mundo do trabalho).

O sindicalismo brasileiro estaria em crise, como ocorre no mundo atualmente, por causa da desarticulação do sindicalismo pelo sindicato de empresa, pois desde o surgimento dos sindicatos sempre atrelado ao governo e ao patronato, exceto no final da década de setenta e início de oitenta, simplesmente devido o arrocho salarial, pois os trabalhadores passavam necessidades mesmo empregados. Bem como processos de fragmentação de classes onde é comum a paralisação que ficou conhecida fabrica por

fabrica, onde a unidade da classe, mesmo sob uma mesma categoria profissional, ocorre uma destituição de sua unidade, pois muitas empresas capitalistas têm mais acumulação ou uma força produtiva mais elevada que as concorrentes, processo que sem saber o sindicalismo de resultado acaba por ajudar o capital se concentrar mais e formar novos monopólios ou acentuar os que já existem. Ao perceber que está ideologia neoliberal, que se sustenta sob uma terceira revolução industrial, sob o controle do toyotismo, ou suas variantes como a acumulação flexível (ver Antunes 1997).

A implementação do receituário neoliberal, como uma variante das formas de objetivação da lógica do capital dentro do próprio capitalismo, deu continuidade com o intelectual de Sorbone, que aplicando uma regra weberiano, atuando de modo “neutro” deu continuidade a cartilha outorgada pelo consenso Washington, que tanto ajudou a maioria da população, com o pagamento em dia aos bancos estrangeiros e o FMI, pregando uma rígida austeridade fiscal com o suprerassfist primário. Outra marca do governo tucano foi uma maior abertura para o capital transnacional, portanto a perda de autonomia da economia nacional. E uma política anti-sindical como é demonstrado por Alves:

Num primeiro momento, a nova flexibilidade do trabalho surge pela negociação coletiva entre trabalho assalariado e capital. Por isso, sob a era neoliberal, tendem a ser instaurados acordos sindicais que permitem nova flexibilidade do contrato de trabalho no Brasil. Discutem-se, por exemplo, as jornadas de trabalho ‘modulares’, os bancos de horas (ou bancos de dias), promulgados pela lei de Contratos Temporários, em 1998, em que se procura promover a sincronia da atividade do trabalho com a disposição do capital. De acordo com esta lei, os trabalhadores cumpririam jornadas variáveis em consonância com o programa de produção, assumindo débitos ou créditos de horas. A utilização do banco de horas no lugar do mero recurso á horas parece uma demonstração da passagem para uma nova flexibilização do trabalho - no caso, flexibilidade da jornada de trabalho-negociada com o sindicato dos metalúrgicos. (ALVES, 2005 242/243).

Como uma moda, ou falta de alternativa, eis que surge no céu uma estrela vermelha, cujos rebentos não alteram nada as condições antes dadas. Falar que ao longo do governo Lula não houve mudança no jeito de governar frente ao governo FHC, é até uma maldade. O atual governo demonstrou que uma “esquerda” social democrata com uma certa base social pode controlar o comandar o comitê organizador da lógica do capital, o Estado, deu continuidade, apenas promoveu algumas concessões maiores a população miserável com programas de transferência de renda. Não sendo injusto tais programas já existiam durante o governo FHC, unificados sob o bolsa família. Dentre as

boa conduta do governo da “estrela vermelha”. Foi a maior acentuação para um capital financeiro ajustado ao cassino global. Demonstra que os trinta anos de uma luta por uma democracia popular, um projeto popular de esquerda faliu, e no seu vácuo toda uma força social que estava aliada a este projeto em especial a CUT, e a demonstração deste ideário neoliberal com outra central sindical como a força sindical. Neste limbo fica o que fazer com um projeto para a emancipação do trabalho?

Para um Projeto de uma Esquerda Marxista.

A ideologia que é a ideologia da elite socialmente dominante demonstra nada mais que a base material pode sustentar esse aspecto neoliberal, individualista, em que prega o privado onde todas as concepções do social, ou de um ser genérico. Fica um nebuloso futuro para a humanidade. De um lado na essência do movimento o capital com suas variantes venceu, com o esplendor de uma sociedade onde jorra mais de dois terços da sociedade em trabalho precário, informal, ou com tantas dádivas, além de um terço da humanidade decretada a miséria, pobreza, isto olhando do ponto de vista burguês sobre miséria e pobreza, como não bastasse o homem chega a marte (pois os robôs que lá examinam outros planetas é força produtiva, ou seja, humana), onde máquinas automáticas podem fazer trabalho de inúmeros homens, onde as distâncias entre a humanidade quase desaparecem por conta das telecomunicações (internet, telefonia), ainda muitas pessoas mal podem chegar a atender suas carências, físicas animais. Será que falta produção de alimentos, ou a capacidade de transportá-los das regiões produtivas para os locais onde necessita o consumo? Creio que não! É um defeito estrutural do capitalismo. Outra dádiva que nos esperam sob o conceito neoliberal é que as forças produtivas, tornaram-se forças destrutivas do homem e da natureza. Sem delongar no assunto percebe-se que para que não se feche o ciclo de reprodução das mercadorias tem que ter uma “duração da vida útil” cada vez menor, longe de uma “alternativa dentro da ordem” pode-se perceber que os recursos naturais estão deixando em níveis críticos o clima e toda estrutura da terra. Em nossa opinião a crise mais aguda que vivemos não é o sindicato, como já apontado os sindicatos surgiram como uma necessidade de mediação entre capital e trabalho. Mediação que sempre se limita a uma melhora nas condições objetivas do trabalhador que está

empregado. É uma crise que se busca para emancipação do trabalho frente à lógica do capital.

Mas fica uma pergunta essa crise não uma particularidade do Brasil é uma conjuntura internacional que faz com que esses frutos de uma seqüência de erros que a esquerda que buscava verdadeiramente uma emancipação, ou seja, revolucionaria, não restrinjo apenas a esquerdistas que pegaram em armas para uma revolução, vide revolução cubana, mas aqueles que dedicaram a vida a este projeto. Fica um entulho para remover que nem uma retro-escavadeira pode recolher tão fácil. Apontaremos algumas situações cruciais para uma compreensão. O canto da sereia do politicismo que incorporou na social democracia, uma de inspiração Keynesiana, que buscou controlar o a lógica do capital e poder dar concessões à classe trabalhadora. Outra social democracia que pleiteava instaurar o socialismo aos “pouquinhos” com uma dominação do Estado sua ampliação e por fim uma outorga decretando por fim o socialismo. Tais configurações demonstraram falhas. Não fazemos de desavisados, pois já a critica de Marx durante a década de quarenta, tal critica renegada pelos interpretes concederam textos feuerbachianos. E uma esquerda mergulhada durante o período da guerra fria num extremo stalinismo onde a manipulação ocorria da mesmo forma do outro lado do muro de Berlin.

Portanto fica um desafio a classe trabalhadora, em procurar uma nova organização que não cometa erros históricos do movimento dos trabalhadores e aproximar movimentos urbanos e no campo, no campo alguns movimentos críticos ao capitalismo um exemplo o MST e resquícios de sindicatos combativos. Colocarmos em pauta um movimento que busque a liberdade dentro e fora do trabalho.

Esta nova organização de enfrentamento ao capital, não deve somente se pautar em uma luta parlamentar, pois o capital se reproduz quase de forma extra parlamentar, portanto o embate não deve se pautar neste somente neste ambiente. É importante ressaltar que todos os envolvidos no enfrentamento seja parte constituinte livrando da vanguarda despótica. Bem como ter uma organização que agrega maior número de trabalhadores e de modo até que quebre as fronteiras dos países, pois o capitalismo é um processo histórico mundial e o socialismo tem que comportar de maneira similar.

Referencia Bibliográfica:

ANTUNES, Ricardo (1997) **Adeus ao Trabalho?:** Ensaio sobre as metamorfoses do Mundo do Trabalho e a Centralidade do Mundo do Trabalho. Cortez/Unicamp, Campinas.

_____ (2006) **Sentidos do Trabalho:** Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho, Boitempo, São Paulo.

_____ (2007) **Uma Radiografia das lutas sindicais no Brasil Recente e seus Principais Desafios** in *Sindicalismo no Brasil os primeiros 100 anos?* Crisálida Minas Gerais.

ALVES, Giovanni (2005) **O Novo (E Precário) Mundo do Trabalho** Boitempo São Paulo.

_____ (2007) **Crise e Limites do Sindicalismo:** Elementos para uma reflexão crítica da Práxis e da Formação Sindical in *Sindicalismo no Brasil os primeiros 100 anos?* Crisálida Minas Gerais.

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado:** Forma de Regressividade no Capitalismo Hipertardio, Editora das Ciências Humanas, São Paulo (1985).

_____ **As Maquinas param Germinam a Democracia.** in *Escrita ensaio nº 4* Editora Ensaio São Paulo- SP (1979).

_____ **Rota e Prospectiva de um Projeto Marxista.** revista *Ad Hominem* disponível em www.verinotio.org.br acessado em 10/12/2009

GORZ, André. **Adeus ao proletariado:** para além do socialismo. Editora Forense-Universitária Ltda. Rio de Janeiro RJ (1987).

KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização:** Da derrocada do socialismo de caserna a crise da economia mundial. 4ª edição Paz e Terra Rio de Janeiro RJ (1996).

LENIN. W I. **O Imperialismo:** Fase Superior do Capitalismo. Centauro Editora São Paulo SP (2005).

PRADO Caio. (1994) **A Historia Econômica do Brasil.** Vozes, São Paulo

MARX. K (2008) **O Capital- Critica da Economia Política:** processo de produção do capital, livro I vol. 1/1 Civilização Brasileira, Rio de Janeiro RJ.

_____ (2006) **O Capital- Critica da Economia Política:** processo de produção do capital, livro I vol. 1/2 Civilização Brasileira, Rio de Janeiro RJ.

_____ (2007) **A ideologia Alemã** (Feuerbach), Boitempo, São Paulo.

_____ (2006) **Manuscritos Econômicos Filosóficos** Boitempo, São Paulo.

_____ (2006) **Salário Preço e Lucro** Expressão Popular São Paulo SP

NETTO, José Paulo (2001) **Ditadura e Serviço Social** Cortez, São Paulo.

MESZÁROS, Istvan (2002) **Para além do Capital**; uma teoria de transição,
Boitempo São Paulo.

HOBSBAWN, Eric (1988) **Mundo do Trabalho** - Novos Estudos Sobre a Classe
Operaria, Terra e Paz Rio de Janeiro.